



Ano 1 | # 01 | edição bimestral | janeiro e fevereiro de 2009

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

Transformações no processo de produção da notícia

MASIP, Pere. **Internet A Les Redaccions. Informació Diària I Rutines Periodístiques**. Barcelona, Espanha: Trípodos, 2008. 208p.

ISBN: 978-84-935360-7-7

Jan Alyne Barbosa e Silva¹

O livro em catalão “Internet a Les Redaccions. Informació diària i rutines periodístiques” é fruto de uma tese defendida em 2007 por Pere Masip, professor do curso de Jornalismo da Universitat Ramon Llull, em Barcelona, Espanha, e integrante do grupo de pesquisadores de diversas universidades espanholas do projeto de pesquisa Convergencia Digital en los medios de Comunicación. Masip, que possui formação na área de documentação informativa, é doutor em jornalismo digital pela Ramon Llull.

Na condição de ter sido adaptado de uma tese, o livro, de quatro capítulos, peca pela ausência de uma explicitação clara de objetivos específicos e da metodologia empregada na condução de sua pesquisa, além da ausência de uma demarcação temporal através da qual sua análise é conduzida. Por outro lado, trata-se de um livro pioneiro, no sentido de que faz uma interface entre estudos ligados aos processos produtivos nas redações e a incorporação das novas tecnologias da informação nessas rotinas na Espanha e na Catalunha, sob a premissa de que a adoção das TICs auxilia no desenvolvimento de novas habilidades jornalísticas e novos modos de trabalho, rompendo, portanto, com velhos esquemas tradicionais inerentes à prática jornalística.

Buscando fazer um resgate histórico sobre a implantação da Internet nas redações da Espanha e de outros países, Masip sistematiza os fatores que explicam a implantação tardia da Internet nas redações espanholas e compara alguns dados e porcentagens à realidade norte-americana.

Para Masip, o jornalismo não desaparece, mas tem seu papel redefinido, situando-se como um cartógrafo da informação, uma espécie de guia e intérprete; ou seja, o jornalista assumiria o papel de “situador”, no lugar do papel de narrador. Enfatiza que exemplos de jornalistas que exercem essa função de situar são exceções nas redações, mas sua função de gatekeeper é mantida, à medida que compila informações produzidas e difundidas por fontes diversas.

¹ Graduada em jornalismo (UFAL), mestre e doutoranda em Comunicação e Cultura Contemporâneas (FACOM/UFBA). Leciona disciplinas ligadas a Teorias da Comunicação, Teorias do Jornalismo, Novas Tecnologias da Informação e Metodologia da Pesquisa Científica e é membro do **Grupo de Pesquisa em Jornalismo Online** (GJOL).

Apesar de considerar a superação da fase apocalíptica prevista para o futuro do jornalismo, o autor destaca uma transformação radical nos processos produtivos jornalísticos a partir do protagonismo do chamado jornalismo cidadão, comunitário ou 3.0.

Masip faz ainda uma menção a uma segunda onda de estudos que atribuem o futuro do jornalismo à Internet. Dentro dessa segunda onda, cita estudos comparativos realizados na Espanha que identificam o caráter inovador na prensa digital espanhola, além de uma multiplicidade de modelos de negócios. Destaca também trabalhos de caráter etnográfico, a partir de observações participantes nas redações de meios digitais, além de trabalhos que adotam perspectivas mais concretas e de natureza prática nas análises sobre a prensa digital. Lamenta a inexistência de uma literatura que verse sobre a incidência das redes na prática jornalística tradicional, chamando atenção para o fato de que a Internet afeta o jornalismo de modo geral, e não somente o jornalismo digital. Nesse sentido, o pesquisador argumenta que a Internet não somente produz um impacto sobre os processos de produção jornalística, como também exige uma redefinição dos produtos resultantes.

Dentre as transformações pelas quais a informatização e a digitalização das cadeias de TV espanholas passaram, Masip destaca que a digitalização permitiu o desaparecimento, o surgimento, a readaptação e a acumulação de funções, além de uma qualidade técnica inferior das notícias, em função dessas mesmas circunstâncias. O pano de fundo de sua análise é a atitude individual como fator condicionante para a inovação tecnológica. Ainda como conseqüências da implementação da digitalização para as rotinas produtivas, sob uma perspectiva comparativa entre Espanha e Estados Unidos, Masip destaca a substituição tardia na Espanha do papel por arquivos e bases de dados online e o nascimento do jornalismo assistido por computador.

O pesquisador menciona estudos que descrevem as possibilidades oferecidas por centros de documentação digitalizados e pelos usos das bases de dados nos EUA a partir da década de 80, que culminaram na redução da participação dos profissionais de documentação e no aumento da participação dos jornalistas no uso de tecnologias de processamento de informação, na metade da década de 90. As novas funções dos profissionais de documentação auxiliariam, então, os jornalistas na gestão de bases de dados comerciais e internas.

Apenas com base na comparação com a realidade norte-americana, Masip acredita que a penetração da Internet nas redações espanholas se deu de maneira caótica, tardia e condicionada pelas circunstâncias, onde predominou o pouco estímulo à sua implantação. Analisa sob o mesmo critério reducionista o processo de convergência nas redações do país. O autor faz ainda uma análise um tanto vaga sobre as conseqüências da convergência sobre as práticas jornalísticas e sobre o produto final, e destaca algumas percepções limitadas que os empresários têm sobre as potencialidades da rede nas práticas jornalísticas e os motivos que os levam a implantar a Internet em seus negócios.

Apesar de fazer um resgate histórico com dados sobre a implantação e a percepção pouco animadora da Internet nos meios catalães e espanhóis, o autor não situa nem contextualiza as potencialidades da rede à época de sua implantação no país, apenas mencionando exemplos para ilustrar que o uso da Internet foi condicionado à bagagem prévia dos que a adotaram nas redações, no sentido de que havia uma formação deficitária e escassa oferecida aos profissionais e casos onde seu desenvolvimento foi mais bem sucedido graças à formação oferecida pelas empresas.

O capítulo 3, intitulado Internet e rotinas jornalísticas, merece destaque à medida que Masip faz uma revisão de conceitos ligados à sociologia das notícias, procurando contextualizar a

produção jornalística aos processos ligados à racionalização e à eficiência, que, por sua vez, estão condicionados a fatores econômicos, políticos e sociais. Em seguida, estabelece uma diferença conceitual entre rotinização (a rotina da rotina, na qual a prática jornalística se converte em uma transformação mecânica da atualidade em notícias) e rotina (derivada da incorporação de procedimentos marcados por uma prática rotineira). Seu objetivo é analisar a incidência das tecnologias sobre as rotinas produtivas e as práticas profissionais, buscando explicar por que as novas tecnologias têm o potencial para depreciar a função jornalística e promover a rotinização.

O argumento para a prática do chamado de jornalismo de escritório se dá à medida que as novas tecnologias promovem o sedentarismo, a superficialidade e a redução do contato pessoal cara-a-cara. Em contrapartida, Masip critica a visão do jornalismo burocrático e superficial, à medida que empresas continuam adotando um modelo de produção racionalista que visa à redução de custos. Para o autor as novas tecnologias devem ser vistas como um elemento de transformação nos modelos de negócio das empresas jornalísticas, além de um elemento para rediscutir o papel do jornalista como gatekeeper.

O terceiro capítulo também merece destaque porque Masip faz menção à literatura dedicada a explicar, analisar e atualizar o debate no que toca às relações entre fontes e meios, a partir do uso nas tecnologias digitais e da Internet. Para o autor, os benefícios da tecnologia se estendem para além dos meios e chegam até às fontes, permitindo um aumento do fluxo informativo que chega às redações. Se para Wolf (apud Masip), as novas tecnologias criam uma maior dependência das fontes tradicionais, para o pesquisador na Catalunha, é na relação entre fontes e jornalistas que as novas tecnologias e a Internet incidem de modo mais significativo. Para ilustrar tais incidências, Masip cita Luzón Fernández (2001), que, por sua vez, identifica cinco rotinas vinculadas às relações entre fontes e jornalistas que se modificam em função do uso da Internet: localização, consulta, categorização, priorização das fontes e contraste da informação e implementação de canais.

Apesar de reconhecer uma maior diversidade de informações, o pesquisador defende que a agenda jornalística continua marcada pela institucionalização das fontes, e que na prática, não há uma ampliação do número de fontes. Para corroborar esta visão, Masip cita um estudo que constata que os jornalistas mantêm um sistema tradicional impermeável de fontes, ao recorrerem às agências, assessorias e ao telefone para obter informação. Prática semelhante ocorre na produção jornalística do rádio e da televisão. O uso da Internet é predominante na imprensa, mas mesmo assim como um recurso alternativo, secundário ou complementar. O autor sistematiza alguns fatores que condicionam a falta de diversidade de fontes na produção de notícias, das quais se destacam: 1) fontes tradicionais são mais dignas de confiança; 2) restrição de tempo para a verificação de uma informação colhida através da rede; 3) falta de confiabilidade das fontes, fazendo com que os sítios mais consultados sejam as noticiosas e oficiais na Catalunha e na maioria dos países.

Masip também critica o fato de que a maioria das informações fornecidas por sítios corporativas e institucionais não é pensada para o jornalismo, já que não são atualizadas regularmente e possuem problemas de navegabilidade e ergonomia, além de difundirem conteúdo irrelevante ou de propaganda.

O autor situa o e-mail como um sistema praticamente hegemônico para que as fontes institucionais difundam informação. E discorre também sobre questões relacionadas ao uso do correio eletrônico e as fontes, a audiência, a comunicação interna e possíveis problemas derivados do seu uso e ainda sobre casos em que a Web funciona como suporte ilustrativo de uma notícia.

No capítulo 4, Masip problematiza uma série de questões relativas à introdução da Internet nos processos produtivos jornalísticos, à superabundância e à recuperação de informação, ao funcionamento da rede e ao desenho das páginas Web, à atitude dos jornalistas para com as tecnologias, às condições de acesso à rede, à natureza da informação recuperada, aos desafios éticos derivados do uso da Internet.

É somente na conclusão de seu livro que os objetivos da sua tese doutoral parecem se explicitar de maneira mais clara, à medida que o autor retoma algumas questões já discutidas, dentre as quais cabe destacar: 1) A Internet propõe novas expectativas e novos desafios relacionados ao fazer jornalístico; 2) Sua chegada nas redações foi marcada mais por freios do que por impulsos. Neste sentido, as empresas viam a implantação da Internet nas redações como um instrumento que agregava valor à imagem das empresas e não como um instrumento que facilitasse o processo produtivo dos jornalistas; 3) Os usos da Internet, em sua fase de implementação nas redações, se assemelham ao entorno off-line (ex.: consulta aos diários eletrônicos, correspondência com os leitores, predominância da agenda jornalística institucionalizada etc.), o que permite concluir que a Internet não mudou radicalmente as rotinas produtivas e que a qualidade do jornalismo não melhorou em função de sua incorporação às redações; 4) Existe um contraste entre os argumentos que defendem o desaparecimento do jornalista e a sua importância em um mundo cada vez mais marcado pela superabundância informativa; 5) O uso das tecnologias se converteria em um elemento de competição entre jornalistas; 6) Os jornalistas reconhecem o potencial da rede, mas não afirmam que estão fazendo um melhor jornalismo graças a ela; 7) Surge o jornalismo de dados, embora não aprofunde a questão; 8) Os dados de sua pesquisa não permitem afirmar que a Internet produziu um salto qualitativo no jornalismo de contexto, a exceção de casos particulares e isolados; 9) As rotinas que mais se beneficiam da rede são as que não estão ligadas à uma atualidade mais imediata; 10) Faz-se necessária uma mudança de mentalidade das empresas para alterar o modelo de produção existente desde a década de 60.

De modo geral e como ponto positivo de seu trabalho, a obra de Masip preenche uma lacuna nos estudos em jornalismo, a saber, as transformações por que passam os processos de produção jornalísticos a partir da incorporação da informática nas redações e, talvez por isso, consiga, em vários momentos, conectar com sucesso elementos significativos que incidem sobre os processos de adoção e incorporação das novas tecnologias pelos profissionais e pelas empresas de jornalismo. Entretanto, os objetivos e a metodologia empregados em sua pesquisa ficam à mercê da imaginação do leitor, à medida que não são explicitadas com clareza em seu estudo.

